

Identificando e Desidentificando: Trajetórias na Formação do Indivíduo¹

JULIANA GAROFALO GONÇALVES²

RESUMO: O presente artigo propõe refletir sobre o desenvolvimento do indivíduo por meio das identificações. Para isso, foi utilizado um aporte teórico acerca dos múltiplos fatores que iniciam esse trajeto identificatório, desde o narcisismo dos pais e do bebê imaginário, até a formação da psique. Foram utilizados autores como Piera Aulagnier, Luis Kancyper, entre outros. Para ilustrar, foram expostos dois casos clínicos com questões para se pensar no normal/patológico desse desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Narcisismo; Bebê Imaginário; Relação Parental; Identificação; Desidentificação.

Identifying and Disidentifying: Trajectories in Individual Formation

ABSTRACT: The present article proposes to reflect on the development of the individual through identifications. For this, a theoretical contribution was used on the multiple factors that begin this identification path, from the narcissism of the parents and the imaginary baby, to the formation of the psyche. Authors such as Piera Aulagnier, Luis Kancyper, among others, were used. To illustrate, two clinical cases with questions to consider the normal / pathological of this development were presented.

KEYWORDS: Narcissism; Imaginary Baby; Parental relationship; Identification; Dis-identification.

Introdução

Início este artigo pensando alguns conceitos que nortearão a ideia de refletir sobre o narcisismo dos pais frente às expectativas que têm de quem seus filhos se tornarão no futuro, começando do princípio da vida de um indivíduo. Em seguida, será pensado também o processo de identificação, a formação da psique da criança e os possíveis percalços nesse caminho, visualizando o que é esperado dentro do desenvolvimento normal e o que pode se tornar patológico. É importante ressaltar que a ideia do artigo é utilizar um recorte clínico de dois casos para analisar essas

¹ Artigo realizado no 3º ano do Curso de Psicoterapia de Orientação Analítica da Infância e da Adolescência do CEAPIA.

² Psicóloga, Especialista em Psicoterapia da Infância e da Adolescência – CEAPIA.

questões teóricas específicas e que isso não significa que esse seja o único fator que origina seus problemas.

Pensando em narcisismo, impossível não citar Freud (1914/2004), que conceitua esse termo afirmando que seria um complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de autoconservação, presente em todos os seres vivos. Quando nos referimos ao amor parental, que no fundo é tão infantil, pode-se afirmar que é o narcisismo renascido dos pais, sua antiga natureza transformada em amor objetal.

A vontade de ter um filho surge, dentre outros motivos, do desejo de manter uma imagem idealizada de si, sendo alimentada pelo narcisismo. Sendo assim, a pessoa se sente como um ser completo e onipotente, tendo a possibilidade de duplicar a si mesmo e de realizar seus próprios ideais. A fantasia de ser completo e onipotente, tendendo a gratificar-se, é um dos postulados básicos da teoria psicanalítica do narcisismo. É dessa forma que se constrói o sentido mais profundo do Eu em um ser humano. Quando há o desejo de se sentir completa por meio de um filho, a mãe coloca essa criança em primeiro lugar, como extensão do seu próprio *self*. Assim, acrescentando-lhe uma dimensão a mais, sente-se orgulhosa por poder exibir aquilo que gerou. O bebê dá a mãe a certeza de que é capaz de criar, de que seu corpo funciona corretamente e de que suas esperanças e ideais poderão finalmente ser satisfeitos (Brazelton, 1992).

Após o nascimento e a aquisição da linguagem, a criança começa a se interrogar sobre sua origem. Quem lhe dá esse primeiro registro é o outro, denominado por Aulagnier (1989) como porta-voz. A criança pergunta à mãe, aquela que possui o saber, o que ela se tornará. Isso ocorre antes mesmo da busca solitária de uma teoria sexual, que também é uma teoria sobre identificação. Questiona questões de seu futuro e sobre seus fins (Aulagnier, 1985).

Após se identificar, é esperado que o indivíduo possa se desidentificar para que consiga seguir em frente no seu processo de formação do eu. Kancyper (1994) afirma que o processo de desidentificação descongela o psiquismo preso a um "para sempre", que é característico do inconsciente, qualificado como atemporal, liberando o sujeito de uma história alienante da regulação narcisista. Assim sendo, possibilita que o indivíduo possa liberar o desejo e, desta forma, construir o futuro.

Posto isso, faço a relação com casos clínicos em que posso ilustrar essa trajetória. Usarei dois pacientes que chamarei de Mário e de Bruno, ambos púberes, o primeiro com 12 e o segundo com 11 anos. Os dois possuem pais que os idealizaram bastante e que atualmente resistem em aceitar suas dificuldades. Cada um tem suas histórias particulares, no entanto, há essa semelhança quanto a possíveis empecilhos na hora de se desidentificar de parte daquele registro inicial que lhes foi colocado no início da vida.

O filho imaginário e o desejo narcísico dos pais

Quando um filho está para nascer, os pais, inevitavelmente, acabam colocando muitas expectativas naquele bebê. Soulé (1987) afirma que, para esses pais, o bebê será como o menino Jesus, o todo poderoso que carrega o mundo com suas mãos, realizando a grandeza infantil de sua mãe recém tornada. Ela recebe todo o poder daquele filho que lhe traz a coroa da realeza.

Freud (1914/2004) acreditava que a partir da libido objetal, retirada do mundo exterior para ser redirecionada ao Eu, o narcisismo seria originado. Quando se observa pais tendo atitudes afetuosas com seus filhos, relacionamos diretamente com a revivência e com a reprodução do seu próprio narcisismo abandonado. Essa relação pais e filhos também é dominada pela supervalorização, um indício seguro da presença de um estigma narcísico na escolha objetal. Dessa forma, esses pais atribuem a criança todas as perfeições, esquecendo todos os defeitos que ela pode ter.

No caso de Bruno, a mãe, Flávia, relata logo no início do tratamento que idealizou muito o filho: *“Ele é o nosso primeiro filho e o primeiro neto dos quatro avós. Todos esperavam muito dele. E ele respondeu a isso muito bem nos primeiros anos de vida. A minha gravidez foi de livro, assim como o desenvolvimento dele. Sabe aqueles livros que toda mãe lê? Só que ele foi crescendo e mostrando que não é perfeito. Eu acho que me decepcionei muito com isso.”*

Brazelton (1992) refere que gerar uma criança para uma mulher pode significar a noção de imortalidade, pois ela pode ser o testemunho vivo da continuidade de existência da mãe. Além disso, é a esperança de uma auto-duplicação. A mãe pode proporcionar ao filho uma função de espelho, o que faz com que a criança seja a imagem do seu próprio *self*. À vista disso, duplica o *self* ideal da mãe, informando seu êxito com aquele bebê que carrega os sonhos da mulher, um bebê perfeitamente receptivo. No entanto, a mãe se depara também com o medo da imperfeição desse bebê, que ameaça sua autoimagem e, por isso, é negado por ela.

Para Soulé (1987), o filho imaginário é como se fosse para a mulher um “outro-ela-mesma” que a satisfaz, investido de uma projeção narcísista considerável. Um filho que ela não conseguiu ser e que sua própria mãe desejou que fosse e que está fora de todos os componentes de agressividade.

O filho ocupa, na fantasmática individual, para cada um dos progenitores e para o casal, um lugar na ordem lógica, simbólica e imaginária, que antecede o seu nascimento cronológico. Esse lugar se constituirá num entendimento: ser o representante do narcisismo primário da mãe, de um desejo inconsciente para ele próprio, e também do pai, para manter o equilíbrio narcísista (Kancyper, 1994).

Mário é um menino com dificuldades significativas na comunicação social, na abstração e na concentração. Seus pais, Márcio e Ângela, ainda não conseguem pensar no fato de que o filho possui dificuldades importantes.

Desejam, assim como qualquer outro pai, que o menino consiga alcançar tudo o que eles sonharam. Agem de maneira persecutória quando se deparam com alguma contrariedade, como quando depositam nos professores a dificuldade de ensinar o filho, quando é Mário que, normalmente, não consegue entender a matéria. Claro que os professores podem ter suas limitações, mas fica visível que os pais do menino não aceitam que ele possa ter dificuldades por realmente não compreender o que os professores lhe ensinam.

Para os pais, os filhos devem satisfazer sonhos que nunca foram realizados por eles, assim como ter melhor sorte e não se submeter aos mesmos imperativos que eles tiveram ao longo de suas vidas (Freud, 1914/2004). Kancyper (1994) afirma que o filho é o representante daquilo que se é, que se foi, que se queria ser, como aquele que foi uma parte de si mesmo. Além disso, está investido com todo o cuidado e proteção representados.

Aquela criança é imaginada como a pessoa que terá sucesso no futuro em tudo aquilo que os pais fracassaram. Por causa disso, esses valores depositados na criança pelos pais podem se tornar uma obrigação para o filho. Se acontecer o contrário disso que os pais esperam, a criança se tornará um fracassado, ameaçando ser confirmada, mais uma vez, a falha dos pais. É necessário compreender que, apesar de poder interferir no desenvolvimento da criança, esses desejos narcisistas são essenciais para que se dê o apego da mãe pelo bebê. Ela deve ter o seu filho como o realizador todo poderoso de todos os seus desejos (Brazelton, 1992).

O processo de identificação como formador do indivíduo

O Eu nasce de um espaço de discurso, um espaço de realidade, um espaço psíquico que já estava ali antes de ele existir e que o acolhe se ele puder pactuar com os pré existentes e harmonizar com suas injunções e contradições. O porta-voz antecipa ao Eu o discurso que o apropria dos enunciados identificantes pré-ditos e pré-investidos. O Eu acaba se descobrindo como resultado desejante de um discurso de vozes que precederam a sua, mas se dá conta de que os outros não podem considerar sua vinda um acaso que não tem relação com o que eles mesmo já viveram, desejaram, esperaram (Aulagnier, 1989).

Manzano, Espasa e Zilkha (2001) propõem um roteiro para que possamos entender o narcisismo parental e suas implicações no desenvolvimento psíquico dos filhos, sendo as repercussões potenciais patogênicas ou estruturantes. O primeiro componente desse roteiro é a projeção dos pais na criança: o que se define mais precisamente como identificação projetiva. É projetada como representação do *self* de um dos pais, investindo a libido narcísica. É importante ressaltar que a conotação de identificação projetiva não necessariamente é negativa nesse contexto pais-filho, pois pode ser um

vínculo de empatia, contribuindo para o desenvolvimento psíquico (Bion, 1962; Grinberg, 1976).

O segundo componente do roteiro é uma identificação complementar de um dos pais, que os autores chamam de contraidentificação: esta representa um relacionamento entre *self* e *self*, pois pode ter diversas representações internas, sendo uma delas a imagem do pai ideal que o sujeito gostaria de ter tido, por exemplo. O terceiro componente é uma meta específica: inclui uma obtenção de satisfação narcísica, porém podem ser agregadas outras metas, assim como a recusa defensiva de perda ou a satisfação de desejos libidinais ligados a um objeto. As fantasias imaginárias inconscientes representam também a maneira geral pela qual pais e filhos se relacionam, incluindo atitudes e comportamentos, expressões de afeto ou omissões, verbais e não verbais (Manzano et al., 2001).

Quando a mãe conta a história para o filho, meio verídica e meio inventada, da relação que ela teve com o bebê que ele já não é mais, ele conseguirá entender essa expectativa da mãe de antes de ele nascer. Com esse discurso que ela lhe emprestou, o Eu poderá esboçar o primeiro capítulo de sua história. Melhor do que o silêncio, é o discurso que a mãe propõe ao Eu sobre o tempo que precedeu, sendo talvez uma fábula, pois a criança não poderá inventar esse primeiro capítulo recorrendo a memórias "estranhas" próprias do seu corpo (Aulagnier, 1989).

Bruno algumas vezes referiu sobre a parte de sua história que não lembra. Conta que tem muito interesse em saber como era a época da mãe grávida ou então de quando era bebê: *"Eu sempre vejo as fotos de quando minha mãe estava grávida de mim ou então quando eu era bebê. Só me lembro quando o Antônio [irmão] era bebê e que eu ficava olhando pra ele no berço. Mas quando eu era bebê não lembro de nada. Na sala tem um porta-retrato da mãe grávida de mim, daí pergunto pra ela como era esse momento e depois que eu nasci. Ela me conta algumas histórias sempre"*.

Bleichmar (2002) relata que o narcisismo materno desempenha uma função não apenas totalizante na formação da identidade de um sujeito, mas também, apelando para uma bela expressão da fenomenologia, inscreve essa identidade por meio de uma teoria mais geral da existência. Kancyper (1994), por sua vez, afirma que algumas funções são promovidas pela supervalorização infantil dos pais para o filho e vice-versa. São funções qualitativamente diversas que produzem efeitos singulares e se manifestam por meio do dar e do receber nos sistemas narcisistas parentais e filiais. O dar dos pais para o filho reabre uma temporalidade de futuro com o desenvolvimento afetivo, que inclui o amor, a ternura, as capacidades de perdoar e de tolerar, pois o filho garante que receberá de forma reparatória o narcisismo parental. Já o outro dar (do filho para os pais), reanima a temporalidade do passado, visto que se ressignifica e se reativa o que foi tirado dos pais injustamente, o que era a eles atribuído.

Ambas as mães dos pacientes aqui descritos repetiram de ano em sua época escolar e essa é a maior preocupação das duas quanto aos seus filhos. Obviamente, qualquer mãe deseja que o filho tenha boas notas e que passe de ano. No entanto, no caso de Bruno, há uma rigidez muito grande em relação ao desempenho do menino, sempre esperando notas altas e horas de estudos realizadas de forma autônoma em casa. Flávia espera que Bruno não precise ser lembrado de estudar ou de fazer temas e que possa realizar tudo sozinho, mesmo ela não conseguindo deixá-lo e muitas vezes quase fazendo por ele. Notas medianas não são bem aceitas pelos pais de Bruno, que acreditam na meritocracia, ou seja, só ganha o que quer, se fizer por merecer. No caso, tirar notas boas. Bruno não sabe do fato de a mãe ter repetido de ano na escola.

Em relação a Mário, seus pais, como já relatado, colocam as dificuldades no externo, nos professores. Ainda que venham num processo de aceitação e de entendimento das dificuldades do menino, ainda aparece muitas vezes essa questão: Mário está mal em determinada matéria por causa da professora. A mãe relata que não exige que ele tire notas altas, que mantendo o desempenho na média está bom. Entretanto, há uma preocupação muito grande com o “e se ele rodar?”.

A realidade que gera o inconsciente infantil não é o simples reflexo do inconsciente parental, mesmo estando relacionada a este. Os pais, sujeitos do inconsciente, com defesas que eles próprios desconhecem, ignoram as determinações desejantes que regem em seu discurso-desejo. Esse discurso esgotará a significação inclusive do próprio inconsciente das figuras constituintes do Édipo. É nos intervalos do discurso parental em correlação com o discurso da criança que a determinação sintomática poderá descobrir sua especificidade (Bleichmar, 2002).

Aulagnier (1985) ressalta que o Eu precisa de uma condição para existir e que para isso utiliza-se da unidade “identificante-identificado”. Para explicar essa unidade, a autora define os pensamentos identificantes como um investimento do Eu sob aquilo que o porta-voz pensa. Os pensamentos identificados são o resultado desse investimento do Eu quando o próprio consegue tomar a posição de enunciante dos mesmos pensamentos, estando ativo enquanto ser existente, assim podendo exercer o auto-investimento. O que torna possível e preserva a identificação simbólica é a certeza de que o identificado transmite no discurso da relação com o identifiante. Graças a isso, o identifiante garante seu direito inalienável, reconhecendo-se identificado e identificável aos conceitos de funções com valor universal e independente do que o encarnou num primeiro momento. Quanto às certezas, essas são necessárias para que o Eu possa persistir em ser um indivíduo, sendo reconhecível, singular e capaz de investimentos. Em relação à dúvida, sempre no registro da identificação, poderá se impor a tudo que ultrapassa as certezas, sendo o equivalente à castração do pensamento. As-

sim, o Eu poderá se apresentar como amante-amado, desejante-desejado, aquele que demanda-aquele a quem é demandado.

Os pais se deparam com a frustração de verem seus filhos não correspondendo aos seus sonhos e anseios, e os filhos já começam a perceber, desde o início, que não irão conseguir se ajustar ao que os pais desejam que eles sejam de forma completa (De Carli, Lucas e Calich, 2015). Para construir o "edifício identificatório" (Aulagnier, 1989) a criança precisaria escolher peças, como em um quebra-cabeça, que a ajudarão a consolidar esta construção identificatória.

Faimberg (1985 apud Kancyper, 1994) afirma que o poder alienante do narcisismo parental não deixa espaço psíquico para que a criança desenvolva sua identidade. Dessa forma, cria-se um paradoxo de cheio e vazio no seu psiquismo. Kancyper (1994, p. 77) completa: "cheio de uma autoridade ominosa e vazio de uma mesmidade por carecer de uma especialidade psíquica discriminada".

No processo de desidentificação é produzida a pulsão de morte difundida, pois, nesse momento, os laços afetivos com determinados objetos se dissolvem para que o indivíduo possibilite a passagem para outros objetos, reabrindo um processo de novas identificações. A pulsão de morte, liberada durante esse processo, pode sofrer dois destinos: se ligar a novas identificações ou permanecer livre, distribuindo-se, para que uma parte seja assumida pelo superego, voltando para o ego, ou então uma parte exercitando a atividade muda e intolerável como pulsão livre no ego e no id (Kancyper, 1994).

Os percursos das desidentificações

Pensando nos roteiros narcísicos dos pais, citados anteriormente, Manzano et al. (2001) desenvolvem a ideia de que o filho irá reagir, de acordo com suas próprias motivações, ao comportamento comunicativo dos pais e às suas pressões da fantasia expressa. Ele poderá rejeitar e reprojeter, ou se identificar total ou parcialmente a essas representações nele projetadas. Se ocorrer a primeira opção, seu desenvolvimento pode ser afetado, gerando alguns sintomas. Os roteiros narcísicos dos pais podem ser superados e integrados num desenvolvimento harmonioso da relação pais-filho ou podem ter consequências patológicas, caso conflitem com a realidade e sejam incompatíveis com as projeções dos pais.

Seguindo a ordem, existe um quarto componente que compõe esse roteiro, que é a dinâmica de relacionamento. Essa dinâmica pode ter várias consequências, entre elas: a criança pode aceitar a pressão da projeção e o desempenho de papel atribuído a ela, assumindo o equilíbrio de forças e não sucumbindo a qualquer distúrbio de adaptação evidente. No entanto, esse equilíbrio pode ser perturbado. O movimento natural é a criança, à

medida que cresce, parar de desempenhar esse papel, demonstrando suas necessidades como uma outra pessoa que não é a "sombra de seus pais ou de seus objetos internos" (Manzano et al., 2001, p. 41). Isso pode resultar em problemas de adaptação ao mundo externo em função das projeções dos pais e em patologias nos próprios pais (Manzano et al., 2001).

Quando o Eu se depara com o discurso parental frente à sua noção de si, precisa fazer uma assimilação. Isso acontece ao longo do trajeto identificatório. Alguns enunciados podem gerar um estranhamento na criança quando não vêm acompanhados de críticas. Se isso ocorre, acontece o que se chama de violência secundária. Diferente da primária, em que permitiria ao Eu se originar pela discriminação da dupla mãe-bebê, sendo estruturante; a violência secundária viria de forma excessiva (De Carli et al., 2015). Um objeto que nunca se ausenta explica o termo "cheio em excesso", quando nos referimos ao excesso de intrusão (Kancyper, 1994).

Aulagnier (1989) se questiona o que aconteceria se o enunciado do porta-voz fosse algo conclusivo como um "você era um bebê tranquilo, difícil, saudável, doente" (Aulagnier, 1989, p. 218), que não diz nada sobre o começo e coloca tudo numa afirmação pontual, repetitiva e mutiladora, além de sempre falsa. Em alguns casos o Eu aceita essa história como um segredo, algo em silêncio, que apenas o outro tem conhecimento. Mas essa aceitação pode custar caro para o indivíduo e sempre será ilusória. A origem de sua história tem que corresponder à origem da história do desejo.

Quando nos deparamos com a psicose, o sujeito se confronta com um dilema: ou "pensar um tempo sem desejo", um tempo que não há sentido, em que os conhecimentos que possui são exteriores a ele e não dirão respeito da sua história afetiva e subjetiva; ou "pensar um objeto de desejo", em que acredita existir um desejante não submetido às leis que regem o tempo. Já o neurótico, realiza essa aliança tempo-desejo. Este se depara com a dificuldade de não conseguir respeitar a mobilidade temporal quando precisa recusar a mobilidade dos objetos suportes dos desejos. Com isso, o conflito identificatório pode ser induzido a um conflito entre dois desejantes. Esse conflito se expressa pela linguagem que trata do amor, da sexualidade, do prazer, do sofrimento, do conjunto de temas que formam uma ideia de relação. O psicótico espera do outro um movimento que faça com que ele possa distinguir o tempo da vida do tempo da morte, o passado do presente, que traga referências sobre sua própria sensorialidade. Dessa forma terá um direito de olhar e de prazer sobre seus próprios identificados.

Bruno chegou para tratamento aos 9 anos com queixas dos pais acerca de seu comportamento explosivo. Parece que, assim como as notas na escola, o filho precisa ser bom também em casa. Não há espaço para a agressividade. As explosões as quais se referiam são falas do tipo "eu te odeio!", "você são os piores pais do mundo!", "quero morrer!". Bruno, no processo terapêutico, já se deu conta de muitas coisas que são dos pais e não dele.

No entanto, ainda tem dificuldades em poder expressar a agressividade, deixando-a aparecer somente na prática frequente de atividades físicas e na preferência por jogos “*aguerridos e mais pegados*” (sic). Ainda se mostra bastante identificado com o desejo dos pais e acaba deixando a agressividade apenas onde eles permitem que fique.

O conflito identificatório é gerado através do afeto acompanhado de sintomas, tais como a angústia, a depressão, a perseguição, a despersonalização. É o conflito entre o Eu e seus ideais ou entre duas entidades: o Eu como identificador e o Eu como identificado (Aulagnier, 1985).

Quando o Eu se depara com o sentimento de estranheza, com os fenômenos de dissociação, é quando o seu pensamento e o enunciado do porta-voz entram em correspondência, sendo assim uma condição para a identificação. Para que o sujeito consiga manter a compatibilidade do desejo do outro com seus próprios pensamentos, é preciso que ele apele a um terceiro discurso. Com um conjunto de Eus pensantes é possível relacionar a verdade de seus enunciados (Aulagnier, 1985).

De Carli et al. (2015) afirmam que, para se proteger de algum sofrimento ou frustração frente a algum pensamento diferente daquele de que tem conhecimento, o Eu acabaria por se alienar. Dessa forma, estaria num estado de encontro ideal permanentemente ilusório e evitaria o trabalho psíquico.

Faimberg (1985 apud Kancyper, 1994) sustenta uma ampliação no conceito de identificações alienantes. Elas dão origem à construção do psiquismo na forma de intervenção. Para a autora, as identificações são alienantes porque o sujeito submete-se a história de um “outro”, inconscientemente, ficando prisioneiro de algo que não é seu. O “outro” é o narcisismo dos pais e a identificação consigo mesmo. Kancyper (1994), conceitua que esta que aliena é a identificação reivindicatória. Essa submissão às humilhações e injúrias narcísicas, aos ressentimentos e remorsos que têm relação somente com as histórias que precedem seu nascimento, no entanto, o mantém aprisionado e identificado em uma missão de “lavar a honra ofendida de um ‘outro’ mediante vingança” (Kancyper, 1994, p. 77).

Para que o Eu tenha a possibilidade de futuro e possa formular desejos identificatórios sobre o que ele será quando crescer mais facilmente, o discurso do porta-voz, que lhe traz os primeiros sonhos sobre esse futuro, deverá ser acompanhado de amor. O conflito identificatório do Eu ou a alienação do pensamento são fatores que geram consequências e algumas manifestações de psicopatologias encontradas na clínica (De Carli et al., 2015).

Aulagnier (1985) afirma que a idealização maciça daquele que exerce uma força alienante, que tem o desejo de alienar, e a retomada pelo sujeito alienado desse mesmo desejo, são suportes essenciais no estado de alienação do Eu. A alienação do pensamento estará presente sempre em nome de uma boa causa, para garantir sua verdade. O discurso alienante desempenha um papel parecido com o da psicose e com o da interpretação fan-

tasmática da realidade encontrada. Os dois têm caráter inquestionável e anunciam a mesma certeza. A realidade para o sujeito alienado é tal qual o outro a define. Enquanto o psicótico reconstrói a realidade apelando a uma teoria delirante, o alienado substitui o discurso pelo o que ele pretende definir, prever e transformar. Os dois realizam esse movimento para preservar o seu investimento na realidade.

Mário tem teorias delirantes quanto ao seu poder de realizar as coisas. É comum ouvir dos pais que ele é inteligente, que consegue fazer tal coisa facilmente. Em uma sessão relatou o seguinte: *"Na aula de ciências eu praticamente dou uma aula. Uma vez eu estava passando na frente da sala dos professores e a professora de ciências me chamou e disse que eu até poderia substituir ela"*. Ele acredita também que pode matar algum colega que esteja o importunando com golpes que aprendeu em um filme de ação para maiores de 18 anos.

Já Bruno costuma falar sobre si por meio do que os pais acreditam que ele seja. Por exemplo, quando se acha incapaz de estudar sozinho. Acredita que não conseguirá, alegando que só consegue entender a matéria com os resumos que a mãe faz. Flávia nunca lhe confiou essa tarefa, mesmo reclamando que precisa fazer, ela sempre esteve junto.

Baranger, Goldstein e Goldstein (1989 apud Kancyper, 1994) acreditam que quanto mais arcaica é uma identificação, mais ela afeta a identidade do sujeito. Em relação às desidentificações, eles as distinguem em duas formas: a desidentificação de forma espontânea e a alcançada no processo analítico, que ajuda o sujeito a se desprender de suas identificações patogênicas. Esta última faz com que o analisando torne consciente não só o sofrimento que as identificações provocam, mas também o sofrimento que provém delas.

Aulagnier (1985) refere que algumas vivências irão revelar fracassos nas aspirações do sujeito. Para que esses fracassos possam ser suportados, é necessário que o Eu consiga manter investidas as referências simbólicas, podendo relembrar momentos de seu passado nos quais o prazer foi realizável e realizado. Se não puder respeitar essa condição, a relação do identificador com o identificado poderá gerar um conflito caracterizando a psicose. Se o conflito respeitar essa unidade identificador-identificado para fazer com que o Eu se oponha a seus ideais, dará origem a coexistência de aspirações identificatórias contraditórias, ou seja, contradição daquilo que ele deseja ou proíbe se tornar com o atual. Esse conflito caracteriza a neurose. O que deve se escutar num falso enunciado identificatório do conflito identificador-identificado na psicose, seja qual for, é a negação do que se afirma. É como uma mensagem velada de "eu não sou como o identificado".

Considerações finais

É natural nos basearmos no modelo de escolha objetal narcísica para construir a nossa forma de amar. Ou amaremos aquilo que fomos e deixamos de ser aquilo que possui qualidades que nunca teremos, ou então poderemos pensar que nós seremos amados se possuírmos uma qualidade que falta para chegar ao ideal. Devido aos investimentos objetais em excesso, o neurótico tem seu Eu empobrecido, ficando sem chance de exercer seu ideal de Eu. Dessa forma, percebendo que está em constante desperdício da libido objetal, acaba saindo dessa situação e indo para o caminho de volta ao narcisismo (Freud, 1914/2004).

Kancyper (1994) acredita que para reordenar a relação que o sujeito estabeleceu com as identificações alienantes, provenientes dos sistemas narcísicos dos pais, e explicar as reações paradoxais desses sistemas narcísistas em luta é essencial – mas não suficiente – utilizar-se da historização.

Bruno parece aderir à historização, sempre buscando fatos de sua história, seja através de fotos ou de histórias contadas pelos pais ou pelos avós. Costuma relatar sobre sua família e a forma em que é estruturada, chegando até aos bisavós.

Para criar um sistema de certezas egóico sobre si e sobre o mundo, a criança precisa oscilar entre a revelação e a investigação. Assim, os enigmas vão se estruturando quando os pais não conseguem significá-los completamente, inaugurando as verdades “histórico-vivenciais” em relação ao que os pais propiciam nos recobrimentos. É certo que novos efeitos continuarão a ser produzidos e que as condições de determinação de um fenômeno não se anularão a posteriori. Para que se possa resolver, é necessário trabalhar com as próprias condições e consequências. Para os pais, é preciso abrir um espaço para que eles consigam ressignificar seus posicionamentos e suas propostas identificatórias em relação ao filho (Bleichmar, 2002).

Reconhecer que se tem um direito de viver uma relação futura com o porta-voz e que se tem um direito a um futuro é o resultado de um investimento em ideais. Essa relação futura com a mãe seria diferente da atual, sendo aceitável e passível dos investimentos desta. Se for negada essa possibilidade, o sujeito acaba por recorrer ao delírio identificatório (Aulagnier, 1985).

Percebe-se os movimentos dos pais de Mário para aceitar que ele não é quem eles acreditavam que seria. Que ele é um menino com qualidades, mas que as dificuldades precisam ser vistas e colocadas para ele. Ainda há um longo caminho pela frente, mas, no que já se percorreu, houve algumas conquistas. Esse movimento dos pais facilita ao menino conseguir enxergar quem ele realmente é, podendo-se notar a diminuição nos delírios identificatórios.

Nos dois meninos, mesmo um indo mais para a linha neurótica (Bruno) e outro mais para a psicótica (Mário), fica aparente a pobreza no discurso. Bruno apresenta um discurso mais raso, negando tentativas de

aprofundamento, pois assim sairia da posição confortável e que não lhe traz frustrações. Entenderia coisas que atualmente ignora e que poderiam lhe causar sofrimento, exigindo-lhe um trabalho psíquico. Mário tem um discurso concreto e delirante, gerando certezas e deixando os questionamentos de lado. Nos dois casos, o processo de desidentificação ainda é um caminho a ser percorrido. E, como já mencionado anteriormente, sabemos que essas questões não são únicas nos seus problemas, visto que existem muitas outras particularidades nos dois. No entanto, é importante ter conhecimento sobre essa trajetória para melhor entender o processo terapêutico de cada um.

Referências

- Aulagnier, P. (1985). *Alienação e Psicose: duas respostas antinômicas ao conflito identificatório*. In *Os Destinos do Prazer: alienação, amor, paixão*. Rio de Janeiro: Imago.
- Aulagnier, P. (1989). Um discurso no lugar do "infans". In *O Aprendiz de Historiador e o Mestre-Feiticeiro do discurso identificante ao discurso delirante*. São Paulo: Escuta.
- Bleichmar S. (2002). Do discurso parental à especificidade sintomática na psicanálise de crianças. In A. Rosenberg, *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*. São Paulo: Escuta.
- Brazelton, T. B. (1992). *As Primeiras Relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- De Carli, C., Lucas, R., Calich, J. C. (2015). *A Constituição do Eu pelo trajeto identificatório: algumas ideias sobre a metapsicologia de Piera Aulagnier*. Trabalho apresentado no XXIV Congresso Febrapsi, São Paulo.
- Freud, S. (2004). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente, vol 1*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Manzano, J., Palacio, F., Zilkha, N. (2001). *Os Roteiros Narcísicos dos Pais. Livro Anual de Psicanálise, 15*, 37-47.
- Kancyper, L. (1994). *Ressentimento e Remorso. Estudo Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Soulé, M. (1987). O filho da cabeça, o filho imaginário. In T. B. Brazelton, B. Cramer, L. Kreisler, R. Schappi, & M. Soulé, (Org.). *A Dinâmica do Bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.